



Estudos Teológicos foi licenciado com uma Licença Creative Commons –
Atribuição – NãoComercial – SemDerivados 3.0 Não Adaptada

“SALVE RAINHA”: MARIA ENTRE A VIDA E O DOGMA ATRAVÉS DA ARTE¹

*“Hail Queen”:
Mary between life and dogma through art*

Rodrigo Portella²

Resumo: Este ensaio tem por objetivo refletir, de forma introdutória, sobre a iconografia mariana na história da arte e das devoções cristãs, trazendo à tona a relação entre as expressões iconográficas marianas e as mentalidades, teologias e ambiências das épocas em que, respectivamente, surgiram. Passa-se, com o processo histórico de institucionalização da igreja – e consolidação de suas doutrinas – de piedade mariana ligada, remotamente, às questões da vida diária das pessoas, particularmente das mulheres (parto, leite, livramento, dores) a uma piedade cada vez mais portadora de símbolos e mensagens doutrinárias (Rosário de Fátima, Salette chorando pelos pecadores etc). Intenta-se, portanto, mostrar que a “evolução” da consciência doutrinária na igreja – através do lento desenvolver e fixar de suas formas de fé e dogma normativas – corresponderia, guardadas as devidas proporções, o desenrolar de mudanças de paradigmas referentes à iconografia mariana, que num crescente vai representando, cada vez mais, uma formalidade pictórica e doutrinária.

Palavras-chave: Maria. Cristianismo. Iconografia.

Abstract: The essay aims to reflect, in an introductory way, on the Marian iconography in art history and Christian devotions, revealing the relationship between Marian iconographic expressions and attitudes, theologies and ambiance of times in which, respectively, have emerged. One goes with the historical process of institutionalization of the Church – and consolidation of their doctrines – of Marian piety connected remotely to the issues of everyday life of people, particularly women (milk, deliverance, pain), to that piety which carries symbols and doctrinal messages (Rosary of Fatima, La Salette weeping for sinners, etc.). An attempt is made, therefore, to show that

¹ O artigo foi recebido em 06 de junho de 2014 e aprovado em 27 de abril de 2015 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*.

² Doutor em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em Juiz de Fora/MG, Brasil, entre 2005 e 2009, tendo realizado estágio doutoral na Universidade do Minho, Portugal (2007-2008). Professor Adjunto II da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião – PPCIR, no Bacharelado e Licenciatura em Ciência da Religião e no Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Contato: portella-rodrigo@ig.com.br

the “evolution” of doctrinal awareness in the Church – by slowly developing and establishing its normative forms of faith and dogma – would correspond, *mutatis mutandis*, the unfolding of paradigm shifts concerning the Marian iconography which will represent an increasingly growing, and a pictorial and doctrinal formality.

Keywords: Mary. Christianity. Iconography.

Introdução

Há muitos estudos sobre Maria na história do cristianismo, a partir de diversos ângulos de investigação, mas se há algo que os une, além da diversidade de abordagens, talvez seja o fato de destacarem a importância de Maria para a história do cristianismo. Não quero e não posso, aqui, refletir sobre as razões desse lugar ímpar de Maria na história cristã, o que cabe a teólogos e historiadores em estudos específicos. Procurarei, neste breve ensaio, esboçar a modesta tarefa de indicar algumas linhas que me parecem sugestivas sobre a questão de oragos, invocações, títulos e iconografias ligados a Maria. Destacarei, claro, apenas uns poucos títulos e iconografias, para exemplificar a tese que, aqui, neste ensaio, apenas balbucio, e que deverá ser melhor aprofundada e documentada, ou refutada: a de certa transformação, com o tempo, dos significados de Maria e de sua imagética, num traslado da vida (sentidos individuais e societários) para a doutrina e o dogma. Não que haja momentos totalmente estancados nessa “evolução”: há intercorrências e hibridismos, é claro. Mas também, penso, há divisões de tipos de afetos a Maria que parecem datáveis.

Um bom início, talvez, seja o de elaborar uma classificação básica sobre as tipologias de invocações marianas que, imperfeita como todas as classificações, quer ser, entretanto, uma pequena bússola:

Tipologias de invocações da Virgem Maria (títulos marianos):

1) Ligadas a aspectos da vida de Maria na Palestina, em sua correlação com Jesus (a partir do século VI, principalmente). Exemplos de títulos: Nazaré, Soledade, Dores, Natividade, Belém, Desterro, entre outros.³

2) Ligadas a aspectos da vida cotidiana das pessoas e das sociedades (a partir da Alta Idade Média e até o século XVIII). Exemplos de títulos: Boa Viagem, Boa Morte, Parto, Bom Conselho, Vitória, Livramento, Navegantes, Pena (padroeira das letras), Leite, entre outros.

3) Ligadas aos dogmas marianos e ao reforço de doutrinas católicas, ou com mensagens específicas para a época (séculos XIX e XX, especialmente): Assunção (Glória), Imaculada, Lourdes, Sallette, Fátima, Garabandal, Medjugorje, entre outras.

Como o leitor atento notará, há intercâmbios entre esses três grupos. Por exemplo: a fé – a partir do *sensus fidelium* e do *consensus fidei* – na Assunção de Maria, ou em sua Imaculada Conceição, são anteriores – nas devoções, oragos e iconografias

³ Alguns desses títulos – como “Dores” – são mais tardios na história do cristianismo, mas remetem a aspectos de Maria em seu curso histórico de vida. Por exemplo, o título “Dores” refere-se às dores de Maria ao testemunhar o destino de Jesus (flagelação, crucifixão, sepultamento etc.).

– ao século XIX, remontando mesmo à antiguidade cristã. No entanto, tais títulos marianos só foram reconhecidos (como dogmas) nos séculos XIX (Imaculada Conceição) e XX (Assunção), reforçando a figura de Maria na economia da salvação e dentro da eclesialidade. Também é de se notar que aparições de Maria⁴ já eram relatadas muito antes do século XIX, mas, talvez, a diferença seja a de que não eram acontecimentos de grande efeito popular ou social, e sem as grandes mensagens colhidas nos séculos XIX e XX. Aliás, essa questão é problemática quando é preciso classificar a aparição da Guadalupana, no México do século XVI, que tomou força societária ímpar. Também é preciso verificar que há invocações que pertencem tanto ao âmbito da vida de Maria na Palestina (perspectiva bíblica) quanto aos tempos posteriores, casados às vivências de indivíduos e sociedades, tais como Bom conselho, Pena, Dores, Boa Viagem etc.

Uma vez esclarecidas tais questões, passamos para as duas classificações de títulos sobre Maria que nos interessarão aqui, ou seja, as dos exemplos dos grupos 1 e 2 de nossa classificação.

“Salve Rainha, mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa, salve”

Sem dúvida, a oração medieval da *Salve Rainha*, atribuída a São Bernardo de Claraval, é um bom guia para ilustrar a piedade e devoção a Maria ancoradas na vida concreta, individual e social, em toda a sua dramaticidade, durante o medievo (e não só durante tal época). Aqui o grande tema é o da mãe de misericórdia, que com seu manto cobre a multidão de pecadores, prestando-lhes o necessário auxílio. A figura da mãe de misericórdia foi, em iconografias, abundantíssima no medievo, retratando a Senhora estendendo seu manto sobre seus vassalos e servos que, sob ele, abrigam-se do “vale de lágrimas” das vicissitudes da vida, sob a encomenda de uma advogada toda especial, ou seja, da própria mãe do juiz último e universal.

⁴ A partir de uma concepção antropológica e fenomenológica compreensiva da religião, opto por nomear “aparição” e não “suposta aparição”. Assim como não se pode, empiricamente a partir dos atuais paradigmas científicos, “provar” as “aparições”, igualmente, também, não se pode “provar” que as “aparições” não ocorreram. Repito: do ponto de vista acadêmico, opto – sem, necessariamente, fazer juízo pessoal de valor – pelo próprio testemunho e linguagem da igreja e dos videntes, em viés compreensivo.



Figura 1. Pintura na *Evangelische Kirchengemeinde St. Goar*, Alemanha. Anônimo.
Foto e arquivo do autor. Essa igreja medieval era católica antes da Reforma.

Nessa igreja medieval de São Goar, às margens do Reno, na Alemanha, a mãe de misericórdia, além de proteger o povo sob seu manto, também segura as flechas que os inimigos lançam sobre ele (“Pois os inimigos retesam o arco, já põem sua flecha na corda, para ferir às ocultas os que têm bom coração”, Sl 11.2). O inimigo, no ambiente do medievo, é identificado, de forma especial, com o Demônio. Mas, no caso, o “Demônio” também poderia ser o arqueiro de algum senhor feudal mais áspero com seus servos, que, por sua vez, recorreriam à mãe advogada. No degredo dos filhos de Eva, não há advogado que, a um tempo, quebre as flechas e dê abrigo compassivo. Particularmente os pobres estão abandonados da proteção da lei, tendo que recorrer à lei dos céus, cujo nome é misericórdia com rosto de mãe. Mas, na referida imagem, também nota-se um bispo (mitra), um nobre (chapéu/gorro) e mesmo possivelmente um papa (tiara?) sob a proteção da mãe de Deus. Todos, ao fim e ao cabo, estão fora do paraíso, no degredo e, mesmo poderosos, “gemem e choram” em meio aos dramas desta terra estranha, após a expulsão do paraíso, e entranhada no pecado.



Figura 2. Retábulo junto a altar lateral na Igreja da Anunciação (século XVI), Redondo, Alentejo. Anônimo. Foto e arquivo do autor.

É o que também vislumbramos nessa peça de retábulo de uma igreja de Redondo (Alentejo). A figura de Maria como mãe de misericórdia (notem o manto bastante aberto) que, no céu, olha, intercede e faz a ligação da igreja padecente (purgatório) com seu Filho (“depois deste desterro, mostrai-nos Jesus”). Notem que há uma figura, aparentemente de criança, dando a mão a Maria (e ligando a ela as almas do purgatório). Tal figura poderia ser interpretada como sendo a do menino Jesus, a fazer a ligação, através da intercessão de sua mãe, entre aos padecentes no purgatório e o céu. Entrementes, é mais provável que seja justamente a figura de um resgatado do purgatório por intermédio de Maria (sendo sua vestimenta um símbolo dessa passagem, ao contrário dos demais, que estão nus). O purgatório, nesse tema, comporta reis, clero e bispos, conforme as imagens. A morte iguala a todos e todos passam a ter uma mesma advogada. Maria torna-se a mãe misericordiosa da igreja, também no purgatório.



Figura 3. Azulejaria em rua de Viseu, Portugal. Foto e arquivo do autor.

Nessa azulejaria de uma rua em Viseu, mais uma vez, percebe-se a mãe de misericórdia oferecendo auxílio a nobres e ao clero, em primeiro plano. Embora os estamentos sociais fossem bastantes definidos nas sociedades de antanho, todos, sem excessões, consideravam-se dependentes e tributários da mãe de Deus, isto é, a partir de Maria (da depedência dela) todos eram iguais em dignidade, ou, dito de outra forma, em indignidade diante de Deus, necessitados da mãe de Jesus para terem meio eficaz de misericórdia diante de Deus (“rogai por nós, Santa Mãe de Deus, para que sejamos dignos das promessas de Cristo”). Em um apócrifo medieval (*Descida de Maria aos infernos*), os condenados bradam à Virgem: “se teu Filho não te ouvir, mostra-lhe os seios que o aleitaram e os braços que o carregaram”⁵.

⁵ Apud LECLERCQ, Jean. *La figura della Donna nel Medioevo*. Milão: Jaca Book, 1994. p. 71-87.

Na Idade Média, a compreensão de Maria como advogada misericordiosa dos pobres era de tal monta, que muitas obras de caridade (hospícios, casas de acolhida, dispensários) eram colocadas sob seu patronato.⁶

Do lar à guerra, do nascimento à morte: Maria e o cotidiano



Figura 4. Imagem de Nossa Senhora do Leite.
Igreja do Mosteiro de São Martinho de Tibães, Braga.
Foto e arquivo do autor.

Na piedade popular, Maria é identificada como adjutora das necessidades simples, do dia a dia das pessoas, particularmente das mulheres, e daí as imagens e títulos do Parto, do Leite, do Livramento (de pestes, guerras, doenças). Embora também alguns desses títulos tenham clara relação com as realidades vividas por Maria (relatadas na Bíblia), tais realidades são colocadas como algo comum nas relações entre Maria e seus devotos em todo o sempre.

No *urbi et orbe* medieval, a mulher é valorizada e dignificada através da figura de Maria em seus vários títulos ou funções. Características como a de Mediadora ou Intercessora, Mãe e Advogada (misericórdia), Pena (educadora), Rainha (dignificada), Parto e Leite (família, sustento) atenuam a figura das mulheres associada à Eva pecadora.⁷

⁶ DE FIORES, Stefano. Maria: un pórtico sull'avvenire del mondo. In: PEDICO, Maria Marcellina; CARBONARO, Davide (dir.). *La madre de Dio: un pórtico sull'avvenire del mondo*. Roma: Monfortane, 2001. p. 11-20.

⁷ ALVES, Kathia. Virgo Maria, Domina Nostra, Mediatrix Nostra, Advocata Nostra. In: *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Ano X, Fascículo 20, julho/dezembro 2011.

Maria, portanto, passa a ser figura exemplar para a reversão da imagem feminina, operando a transformação dos paradigmas femininos, de porta do pecado à porta da salvação, e é, ou passa a ser, para as mulheres o exemplo e a companheira para os momentos cruciais da vida ligados às realidades femininas (parto, amamentação e educação, particularmente).



Figura 5. Santa Maria da Vitória. Anônimo do século XV.

Santuario de Nuestra Señora de la Victoria, Málaga. Disponível em:

<<http://cofrades.pasionensevilla.tv/m/blogpost?id=2420933%3ABlogPost%3A5902331>>.

Na antiguidade cristã e no início da Idade Média – particularmente na reforma carolíngia –, a nobreza bárbara necessitou de Maria para legitimar sua *nobilitas*. Assim, Maria passa de serva do Senhor à Rainha, à nobreza.⁸ Ora, como Constantino viu em Cristo o seu general, a nobreza franco-germânica que ascendia ao cristianismo viu em Maria sua representante, em uma cultura onde os títulos de nobreza eram conquistados pelos guerreiros como honra devida ao heroísmo, lealdade e feitos militares. Maria, portanto, feito Rainha, é posta como que comandante-em-chefe nas batalhas cristãs, como bem figurava à nobreza. Assim, a imagem da Santa Maria da Vitória, título dado a Maria após as vitórias em batalhas, faz jus a essa lógica. Maria aparece no trono, com o cetro, como mãe coroada do coroado rei do universo, ou sendo coroada no céu. Em Portugal, por exemplo, Dom João I manda construir um mosteiro (Nossa Senhora da Vitória, ou da Batalha), no local que adquiriu o mesmo nome (Batalha) por considerar que a vitória portuguesa na batalha de Aljubarrota devia-se à invocação de Maria (século XIV). Mas talvez a história mais importante para a cristandade, a mostrar Maria como a vitoriosa nas batalhas, seja a da batalha de Lepanto, em 1571. A vitória das tropas leais ao papa, ao defender a cristandade da ameaça moura, foi

⁸ SCHREINER, Klaus. *Maria, virgen, madre, reina*. Barcelona: Herder, 1996. p. 305-432.

atribuída diretamente à Virgem, que teria conduzido as tropas, conforme a imagem abaixo.



Figura 6. Maria conduz as frotas papais. Autor não informado. Disponível em: <<http://ascruzadas.blogspot.com.br/2012/03/restauracao-de-nossa-senhora-da-vitoria.html>>.

A imagem de Maria ia à frente do principal navio de guerra, mostrando em nome de quem se lutava e quem era a força das tropas.



Figura 7. Imagem de Nossa Senhora do Rosário levada na nau capitânia e queimada por fogo mouro. Disponível em: <<http://ascruzadas.blogspot.com.br/2012/03/restauracao-de-nossa-senhora-da-vitoria.html>>.

No século XVII, Hipólito Marracci elenca alguns títulos eclesiásticos de Maria, dentre os quais: *Castrum* (praça forte), *Interemptrix* (matadora), *Pugnatrix* (combatente), *Vindex innocentium* (vingadora dos inocentes), *Vulneratrix* (golpeadora), *Ereptrix* (espoliadora), *Gladius* (espada).⁹ Esses exemplos mostram que, se por um

⁹ Apud BOFF, Clodovis. *Mariologia social*. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006. p. 275.

lado Maria é identificada, no medievo, como a misericordiosa advogada e mãe compassiva, protetora de nobres e plebeus; seguro firme para as parturientes e para os que morrem; invocada para o leite da amamentação e para o bom termo das viagens, bem como para a boa educação ou conselho; também é ela não só doce para os seus, mas terrível para os descrentes, hereges, pagãos, mouros. Em uma mão, misericórdia para os cristãos; em outra, flagelo para os infiéis.

Maria faz, de tal forma, parte da vida dos povos – e de suas preocupações e lutas –, que, inclusive, em uma mesma guerra, pode ser invocada dos dois lados beligerantes. “Maria luta contra Maria”, por assim dizer. O fado coimbrão de Zeca Afonso, *Senhora do Almortão*, canta\reza: “Senhora do Almortão | ó minha linda raiana | virai costas a Castela | não queiras ser castelhana”. O fado cita a Senhora que defende as raias\fronteiras contra o inimigo espanhol e que deve escolher entre ser lusa ou ser castelhana nas cizânias fronteiriças; afinal, Maria é venerada – e invocada nas batalhas – em ambos os lados da fronteira.



Figura 8. Imagem de Nossa Senhora do Almortão.
Disponível em: <<http://www.fotolog.com/poemencena/60288282/>>.

Durante muitos séculos, cidades emitiam decretos em nome de Deus e de Maria, que era considerada – após Deus, é claro – a principal protetora das cidades.¹⁰ Vários reinos eram consagrados a Maria, isto é, tornavam-se *Regio Mariae* (como a Bavária, por exemplo), e ostentavam em suas armas e bandeiras a figura da Virgem.

¹⁰ SCHREINER, 1996, p. 364.

Maria mensageira da igreja: aparições como convites à fé e à doutrina

A partir do século XIX, as aparições marianas iniciariam, conforme nossa hipótese, novos rumos na iconografia e nas concepções a respeito das relações de Maria com os humanos. Não que as antigas relações, já relatadas, desaparecessem. Mas, agora, a tônica seria outra: reforço da fé e mensagens doutrinárias (ou seja, que enfatizam asserções da fé católica).

Contudo, é preciso iniciar por Guadalupe, que embora mais distante historicamente, como que inaugura essa nova fase mariana. A Virgem aparece, no início do século XVI, a um pobre índio mexica, Juan Diego. O contexto é o da dominação espanhola, acompanhada de um verdadeiro genocídio populacional e cultural quanto aos indígenas. À época, a religião asteca e mexica tinha sua centralidade na adoração ao sol – com sacrifícios humanos – e, em menor escala, à lua. A substituição dessa religião pela cristã foi feita, em muito, através da força. Mas Maria teria tido outra sensibilidade e pedagogia para revelar o cristianismo aos indígenas. Sua aparição a Juan Diego traz, na sua imagem estampada na tilma, a boa nova cristã de uma forma compreensível aos indígenas.



Figura 9 e 10. Imagem original de Nossa Senhora de Guadalupe e imagem em estampa popular. Disponíveis em: <<http://virgemimaculada.wordpress.com/2011/05/28/significados-do-manto-nossa-senhora-de-guadalupe/>>.

Posicionada em frente ao sol (deus maior mexica\asteca), Maria indica ser maior que ele, ocultando-o atrás de si; seus pés estão sobre a deusa lua (domina sobre ela); seu manto é adornado de estrelas, as quais também eram adoradas pelos astecas (portanto se mostra senhora sobre os astros, ou mensageira deles); a cor do manto é

azul-esverdeado (turquesa), significando ser rainha, já que só quem poderia usar tal cor era o imperador asteca; seu cinto preto com laço pendente era usado pelas índias grávidas (mostra, assim, estar grávida de Deus); suas mãos estão postas em oração (indicando não ser ela deusa, mas se dirigindo a Deus).¹¹

O orago de Guadalupe era, originalmente, parte da devoção dos espanhóis à Maria (na região de Cáceres, Extremadura). Portanto é uma invocação mariana espanhola aliada, na imagem mexicana, a traços físicos e símbolos indígenas, fazendo ponte entre as culturas. “Assim, com a senhora de Guadalupe os índios se identificam, e os espanhóis, por sua parte, não se chocaram [...] não através do doutrinamento abstrato, mas de uma imagem concreta, a do avental de Juan Diego.”¹²

A imagem da Guadalupana, assim como sua invocação, não só representou uma catequese cristã simbólica e inculturada para os indígenas, como também foi usada em insurreições indígenas no México e nas lutas pela independência, destacando uma simbiose entre a nacionalidade mexicana e a imagem (e mensagem) de Guadalupe.¹³ Assim, na figura 10, podemos contemplar uma estampa da Guadalupana com a bandeira do México, além de coroadada, ou seja, sugerindo ser ela a senhora que governa a nação mexicana.

A aparição de Maria em Fátima, por sua vez, seria um importante evento a sinalizar o aspecto mais doutrinário da figura de Maria na atualidade. Suas mensagens têm relação com admoestações sobre o inferno, eucaristia, penitência e sobre formas de reforçar a santidade entre os humanos.



Figura 11 e 12. Estampas de Nossa Senhora de Fátima.
Disponíveis em: <<http://www.paroquiasjalegre.blogspot.com.br/>>.

¹¹ PASQUOTO, Augusto. *Os mistérios do manto sagrado*. São Paulo: Santuário, 2013. p. 103-114.

¹² BOFF, 2006, p. 241.

¹³ LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe*. La formación de La conciencia nacional en México. México; Madrid; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1977.

Direcionando nosso olhar às gravuras anteriores, podemos ver o seu Coração Imaculado (uma das revelações) envolto em espinhos (como que a simbolizar as dores de Cristo e de Maria em relação aos pecados e ao mundo); o Rosário que pende de seus braços é seu distintivo, aconselhado aos cristãos e que, quando rezado, pode trazer benefícios à igreja, aos povos, aos pecadores; a brancura das roupas sugere a paz em plena Primeira Guerra Mundial. A coroa, colocada pela piedade popular, está como símbolo de seu governo sobre o mundo.

O Rosário, que desde Lepanto, principalmente, foi compreendido como arma do cristão contra mouros, protestantes e hereges, tem sua importância enfatizada pelos papas dos séculos XIX e XX, como sendo meio eficaz no combate ao modernismo e, em Fátima, é enfatizado como meio para a salvação. Sua mensagem a respeito da Rússia e de seus “erros” que iriam se espalhar pelo mundo antecipa o acontecimento histórico da revolução russa e coloca um prévio juízo de valor sobre a mesma: o cristão não poderia comungar com o comunismo. Assim, em contraponto, se prevê a “conversão da Rússia”, desde que ela seja consagrada a seu Imaculado Coração, ou seja, posta sob seu domínio maternal. Assim que vários grupos eclesiais viram na imagem e mensagem de Fátima um modelo para combater o comunismo. Fátima pedia conversão para a perpetuação da paz, para estancar os erros difundidos pela Rússia, e ainda sinalizava a existência do inferno.

Maria fala a crianças humildes de uma pequena aldeia portuguesa no contexto da república anticlerical de 1910. O reforço da fé e mensagem católicas, portanto, é também uma mensagem a um meio cada vez mais laicista e hostil à religião, e não só em Portugal. Conforme Allegri¹⁴:

Tratava-se de verdades já conhecidas, contidas na doutrina tradicional da Igreja, mas que, descuidadas na formação normal das pessoas, esquecidas por quase todas, corriam o risco, em certo sentido, de perder toda a sua eficácia [...] sobretudo nas décadas futuras, em que tais verdades viriam ainda a ser mais negligenciadas e postas em dúvida.



Figura 13. Coroação da Senhora de Fátima, Paraná, Brasil.

Disponível em: <<http://maringa.arautos.org/2013/05/procissao-e-santa-missa-em-arapongas/>>.

¹⁴ ALLEGRI, Renzo; ALLEGRI, Roberto. *Os milagres de Fátima: a história narrada pelo sobrinho de Irmã Lúcia*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 172-173.

Na imagem anterior pode-se ver a coroação solene de Nossa Senhora de Fátima, simbolizando seu reinado sobre o mundo, ou sobre as pessoas que a ela se consagram. Como se percebe pela foto, são os grupos mais afeitos à determinada concepção de ortodoxia doutrinária e a usos e costumes tradicionais que, principalmente, promovem a devoção à Fátima e a todas as suas mensagens relativas à doutrina, consagrações etc., posto que a mensagem de Fátima sobre os erros do comunismo, a consagração da Rússia devido ao seu coração e a necessidade de conversão e penitência costumam mobilizar, particularmente, tais grupos, como o dos Arautos do Evangelho, retratado acima.

Anteriormente à Fátima, entretanto, outra aparição de Maria deu o tom penitencial e doutrinário para a nova piedade mariana. Foi a da pequena vila de La Salette, na França.



Figura 14. Estátua de Nossa Senhora da Salette, município de Manoel Ribas, Brasil. Disponível em: <<http://www.diopuava.org.br/santuario-nossa-senhora-da-salette>>.

Em setembro de 1846, há a aparição de Maria, em La Salette, para duas crianças pobres, pastores da aldeia. O contexto é o da pós-Revolução Francesa, da perseguição à igreja, anticlericalismo e laicização do Estado e da vida das pessoas. Nesse sentido, a aparição e sua mensagem são interpretadas como a desforra dos humilhados diante da república laicista e burguesa e diante do iluminismo.¹⁵ Por sua vez, em Lourdes, por volta da mesma época, a aparição de Maria a uma menina extremamente pobre (analfabeta e que vivia nas dependências da antiga prisão, abandonada por causa da insalubridade) revelaria o poder de Deus e de sua glória – através da fonte santa e dos milagres – contra o racionalismo moderno.¹⁶

¹⁵ BOUFLET, Joachim; BOUTRY, Philippe. *Um segno nel cielo. Le apparizioni della Vergine*. Gênova: Marietti, 1999. p. 109-144.

¹⁶ BOFF, 2006, p. 598.

A mensagem de Salette é clara: Maria, segundo ela própria, está segurando o braço de seu Filho, que, a qualquer momento, poderá cair inclemente sobre este mundo por conta do pecado a grassar nele. Mais uma vez o tema da misericórdia de Maria aparece, naquela que tarda o castigo e que chora pelos pecadores (em Salette, Maria aparece chorando). Mas doravante não é mais a misericórdia pela misericórdia. É a misericórdia vinculada a uma mensagem específica: os males do mundo moderno vão contra a fé sã em Deus. Daí o sofrimento da Virgem e sua manifestação de misericórdia em deter o braço de Jesus.

A Senhora da Salette surge chorando pelos pecadores, pela época. O motivo da tristeza, entre outros, é que muitas pessoas desprezam o preceito dominical de ir à missa, zombam das coisas de Deus e já não rezam. Ou seja, uma mensagem para os tempos iluministas e laicistas pós-Revolução Francesa. A misericórdia de Maria, portanto, se dá também de uma outra forma, isto é, através da manifestação de tristeza justamente porque as pessoas já não buscam abrigar-se sob seu manto de misericórdia ou, em uma palavra, já não buscam a Deus (e muito menos a ela). Pictoricamente é também necessário mencionar o grande crucifixo que pende do busto de Maria. Um enorme crucifixo ladeado de um martelo e de um alicate, evidenciando o sacrifício de seu Filho pelos pecadores.

Conclusão

Refletimos um pouco sobre a iconografia mariana na história da arte e das devoções cristãs, trazendo à tona a relação entre as expressões iconográficas Marianas e as mentalidades, teologias e ambiências das épocas em que, respectivamente, surgiram.

Passa-se, com o processo histórico de institucionalização da igreja – e consolidação de suas doutrinas – de uma piedade mariana ligada, remotamente, às questões da vida diária das pessoas, particularmente das mulheres (parto, leite, livramento, dores), e das sociedades (guerras, nacionalidades, negócios) a um veio devocional cada vez mais portador de símbolos e mensagens doutrinárias (Rosário de Fátima, Salette chorando pelos pecadores etc). As expressões iconográficas também apresentam – ao longo da história – certa padronização, ou seja, no caso da imaginária iconográfica ligada às representações ou oragos antigos de Maria – ligados mais à vida cotidiana das pessoas e a seus problemas e anseios – não existem modelos iconográficos uniformizantes, ficando a confecção artística a critério mais livre e ligado aos ambientes de seus autores. No caso, porém, das representações mais recentes sobre Maria (a partir, principalmente, do século XIX), as imagens obedecem a modelos mais fixos, uniformizando não só a mensagem doutrinária da igreja – que tais devoções veiculariam – mas também a própria percepção da figura de Maria.

Referências

- ALLEGRI, Renzo; ALLEGRI, Roberto. *Os milagres de Fátima*: a história narrada pelo sobrinho de Irmã Lúcia. São Paulo: Paulinas, 2013.
- ALVES, Kathia. Virgo Maria, Domina Nostra, Mediatrix Nostra, Advocata Nostra. In: *Coletânea*. Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Ano X, Fascículo 20, julho\dezembro 2011.
- BOFF, Clodovis. *Mariologia social*. O significado da Virgem para a sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOUFLET, Joachim; BOUTRY, Philippe. *Um segno nel cielo*. Le apparizioni della Vergine. Gênova: Marietti, 1999.
- DE FIORES, Stefano. Maria: un pórtico sull'avvenire del mondo. In: PEDICO, Maria Marcellina; CARBONARO, Davide (dir.). *La madre de Dio*: un pórtico sull'avvenire del mondo. Roma: Monfortane, 2001.
- LAFAYE, Jacques. *Quetzalcóatl y Guadalupe*. La formación de La conciencia nacional en México. México; Madrid; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1977.
- LECLERCQ, Jean. *La figura della Donna nel Medioevo*. Milão: Jaca Book, 1994.
- PASQUOTO, Augusto. *Os mistérios do manto sagrado*. A Virgem morena de Guadalupe. São Paulo: Santuário, 2013.
- SCHREINER, Klaus. *Maria, virgen, madre, reina*. Barcelona: Herder, 1996.